

10º Encontro Ciência Política e a Política: Memória e Futuro

Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) – Belo Horizonte (BH-MG)

30 de agosto a 2 de setembro de 2016.

Área Temática: Pensamento Político Brasileiro

**O PENSAMENTO POLÍTICO E A AÇÃO PÚBLICA NOS ANOS DE FORMAÇÃO DE
VISCONDE DE TAUNAY (1865-1875).**

Antônio Marcos Dutra da Silva

Doutorando – IESP-UERJ

2016

Resumo

O presente artigo pretende lançar luz sobre os anos de formação de Visconde de Taunay, sublinhando como as vicissitudes da sua carreira literária e militar apontam para a construção de uma visão do Político, bem como de uma agenda política para seu tempo. Ainda que bem conhecido enquanto romancista e, em menor medida, memorialista; seu pensamento político está por ser conhecido e investigado. Para tanto, o artigo se detém sobre aspectos de seus romances e as narrativas de guerra compostas no período entre 1865 a 1875. Anos de formação que abririam caminho para sua vida pública dentro do partido Saquarema.

Tendo como ponto de partida, o campo de experiência de Taunay, fixa em seus escritos descritivos da guerra, e através de seus textos literários iniciais, como a Mocidade de Trajano (1870), passando por Inocência (1872) até Histórias Brasileiras (1874), a compreensão do escritor sobre seu tempo e as transformações sociais e políticas a que assiste.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, primeiro e único visconde de Taunay nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843, e faleceu na mesma cidade em 25 de janeiro de 1899. Era filho de Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay, e de Gabriela de Robert d'Escragnolle. Seu avô, o pintor Nicolas-Antoine Taunay viera ao Brasil como um dos pintores da Missão Artística francesa, enquanto seu pai havia sido um dos preceptores de D. Pedro II, além disso, durante muito tempo dirigira a Academia Imperial de Belas Artes, que tomaria o nome de Escola Nacional de Belas Artes apenas com a República. Pelo lado materno, era neto do conde d'Escragnolle, emigrado também da França.

Criado em ambiente refinado, cedo despertou para a literatura bem como desenvolveu o gosto pela música e o desenho. Muito se deve a sua origem familiar, o desenvolvimento da pintura, e que mais tarde Taunay transpôs para a descrição de paisagens. Estudou humanidades no Colégio Pedro II, onde se bacharelou em letras em 1858. No ano seguinte ingressou no curso de Ciências Físicas e Matemáticas da Escola Militar. Alferes-aluno em 1862, bacharel em matemáticas em 1863, foi promovido a segundo-tenente de artilharia em 1864, inscrevendo-se no 2º. ano de Engenharia Militar, que não terminou, por receber ordem de mobilização, com os outros oficiais alunos, em 1865, no início da Guerra do Paraguai.

Foi incorporado à Expedição de Mato Grosso como ajudante da Comissão de Engenheiros, para trazer ao governo imperial notícias do corpo expedicionário de Mato Grosso, que havia muito se supunha perdido e aniquilado, e que renderia matéria para o relato de A Retirada de Laguna. Trouxe da campanha profunda experiência do país e inspiração para a maior parte dos seus escritos, a começar do primeiro livro, *Cenas de viagem* (1868). Em 1869, o Conde d'Eu, comandante-em-chefe das forças brasileiras em operação no

Paraguai, convidou o primeiro-tenente Taunay para secretário do seu Estado-Maior, sendo encarregado de redigir o Diário do Exército, cujo conteúdo foi, em 1870, reproduzido no livro de mesmo nome, temas retomados posteriormente em seu livro de memórias, publicado postumamente.

A proximidade com a família imperial e especialmente com Dom Pedro II e o convívio com o Visconde de Rio Branco de quem escreveria um pequeno elogio biográfico, publicado apenas na década de 1880, parecem alimentar na visão de Taunay o papel de catalizador da modernização política e social que cabia ao Imperador, e por extensão, à monarquia constitucional. Por ter feito parte do gabinete de Rio Branco (1871), e a proximidade com aquele político, ensinaram a Taunay a necessidade de adaptar as necessidades do tempo, com a centralidade do Estado. Esta leitura saquarema, contraposta à percepção luzia favorável à maior autonomia das províncias e maior descentralização, com a visão da ordem precedendo a democratização ampla, limitada pela escravidão; ou antes, o estabelecimento e construção de um país aparentam ser os pilares daquilo que Taunay considera o caminho para a inserção nacional no rol das grandes nações ocidentais. Nesse sentido, a superioridade ética do Imperador para Taunay parece um imperativo do tempo tanto quanto a superação da “questão servil”.

Por extensão, ainda que em meio a privações e mortes frequentes, a arte da guerra tal qual praticada pelos soldados brasileiros durante a Guerra do Paraguai e sublinhado na obra *A Retirada de Laguna*, especialmente quanto ao caráter humanitário, particular dos militares brasileiros, na medida em que evitava os massacres desnecessariamente. Taunay enquanto partícipe da Guerra, evoca para si o papel de Tucídides, construindo a memória de um império neolatino que se construía. O que atendia às necessidades do tempo – de construção de Impérios europeus em África e Ásia – mas também se inspirava sobretudo no modelo político francês do Segundo Império francês, cujos êxitos econômicos e sociais pareciam então notáveis.

Ao abordar os textos de Taunay sobre as diferentes facetas das práticas políticas no século XIX, e o conjunto de sua obra literária e missiva, o olhar será direcionado para que seja capaz de, como propõe Koselleck, compreender como os conceitos, práticas e instituições e propostas eram entendidos dentro daquela época, e ao mesmo tempo, como sugere Rosanvallon, recuperar a indeterminação do presente, permitindo – ainda que em um esforço intelectual – ter os contornos mais claros da leitura política e ação proposta por Taunay e os limites que possuíam.

Nesse sentido, o corpus de escritos de Taunay é entendido como um dos elementos das constelações da forma como se configuravam uma determinada resposta às questões que se apresentavam. Por outro lado, para tomar de empréstimo a expressão de Rosanvallon

que cunhou a “l’oeuvre-Guizot”, é preciso restituir a obra-Taunay (ou obra-Taunay). Da mesma forma que a obra de Guizot estava dispersa, sem sistematização de seu pensamento, é preciso construir a obra virtualmente de Taunay, que não escreveu um tratado do político, mas construiu obras de memória, perfis biográficos, relatórios, textos jornalísticos e outros tantos circunstanciais. Reconstituir uma obra heterogênea em seu conteúdo, mas alimentada, tal qual em Guizot, pela vontade de intervir de maneira prática.

O pensamento político e a ação pública nos anos de formação de Visconde de Taunay (1865-1875).

Quem quer que se depare com as obras do Visconde de Taunay provavelmente acaba se lembrando mais da sua obra literária, e em especial por ser ele autor de *Inocência*. Ao longo do tempo, à medida que os traços do homem Alfredo Taunay se apagavam, a imortalidade garantida pelas obras literárias se consolidara ao ponto de que seu nome esteja associado primeiramente a seu perfil de escritor, mais do que a qualquer outra faceta.

O próprio Visconde de Taunay parece ter tido consciência do papel daquele romance e do relato de guerra *A retirada de Laguna* como os pilares que manteriam seu nome para as gerações posteriores:

“Talvez para sempre, pode parecer imodéstia de minha parte; mas não sei, nutro a ambição de que hão de chegar à posteridade duas obras minhas: A retirada de Laguna e Inocência... [...] A este respeito, tomei um dia a liberdade de dizer ao Imperador – isto na festa do Instituto Histórico oferecida aos oficiais do encouraçado chileno Cochrane, em fins de outubro de 1889 –mostrando-lhe aqueles dois livros bem encadernados, que ia oferecer ao Comandante Constantino Bannen: “Eis as duas asas que me levarão à imortalidade”. Sorriu-se Sua Majestade e observou: “Uma é mais comprida que a outra”. “Assim não chegarei”, repliquei, “porque com essa diferença o voo é impossível. Antes asas curtas e iguais. (TAUNAY, 2005, p.135)

O percurso de sua consagração acabou acompanhando as vicissitudes políticas brasileiras. Se em vida, Taunay fora senador, engenheiro, músico, ideólogo da necessidade da imigração europeia (e seu propagandista), militar; escritor, professor e memorialista com a consolidação lenta republicana, e por muitos períodos militarizada, não é de espantar-se que essas múltiplas facetas fossem dando lugar ao memorialista da Guerra do Paraguai e ao escritor romântico tardio.

Assim, sobre o Visconde de Taunay é fácil verificar o predomínio de uma historiografia de crítica literária. A maior parte dos trabalhos recentes tende a dar primazia a uma ou mais características de sua prosa como ferramenta interpretativa: Maria Lúcia Maretti atribui à capacidade de reminiscência de Taunay que permitiram que se tornasse um verdadeiro “polígrafo contumaz”; para a pesquisadora a memória é quem fornece a chave da interpretação da obra diversificada do escritor, ponto de vista compartilhado por muitos dos trabalhos acadêmicos de crítica literária escritos posteriormente (MARETTI, 1996; BERALDO, 2002; BUNGART NETO, 2011), para outros, o caráter observador de Taunay, somado à educação artística que recebera explicariam a tendência descritiva, perscrutadora, com que

fixaria atenção nas paisagens e pessoas (WIMMER, 2010), o que sublinharia uma influência francesa familiar – no domínio da execução artística (GREGÓRIO, 2011) quanto nas ideias artísticas (WIMMER, 1992). Alguns buscam justificar o gosto por descrição de paisagens aproximando Taunay de um ideal dos viajantes ao Brasil, quando do início do século XIX, ou ainda, da missão francesa (CASTRILLON-MENDES, 2008). Outros atribuem um lugar socialmente privilegiado, nobre de nascença (o que de fato não existia no Segundo Reinado) para entender certo deslocamento do autor em relação à sociedade que “descobre” (CUNHA; CORREA, 2011).

A maior parte dos trabalhos disponíveis tendem a contornar as dificuldades que se põem ao tentar compreender o pensamento de Taunay e formar um todo de sua obra, preferindo dedicar-se a estudar aspectos pontuais como regionalismo, relações raciais ou apenas um de seus livros (BAREL, 2005, CRUZ, 2012). De qualquer forma, o desconhecimento sobre a dinâmica política do Segundo Reinado, a compartimentação de assuntos em sua obra e a classificação de um lugar social privilegiado como fator explicativo privilegiado pouco fazem avançar o conhecimento sobre o autor.

Atualmente, por exemplo, a classificação de aristocrático para Taunay e sua família pouco ajuda: A caracterização de Taunay como nobre, simplesmente, acaba por confundir mais do que explicar.

Primeiro, por sugerir alguma espécie de casta aristocrática que pouca correspondência tinha com a nobreza europeia proveniente do período medieval, quando na verdade a titulação brasileira não era hereditária, não referia-se à posse da terra e era muito mais próxima do processo de titulação no governo de Napoleão III; assim uma titulação de origem pouco contribui para entender as características da *opera omnia* e vida do Visconde de Taunay (título com qual foi agraciado tardiamente e às vésperas da derrubada da monarquia, que aconteceu exatamente quatro meses depois¹). Mesmo que fosse possível estabelecer essa conexão, ao menos dessa forma, correria o risco de criar uma correspondência automática entre “aristocracia” e uma percepção “vista de cima”, quando na verdade não explicaria de um lado nem sua condição privilegiada, mesmo não sendo cafeicultor ou dono de escravos (além de pressupor uma indistinção entre origem social e ponto de vista), por outro, não permitiria identificar o específico em Taunay, aquilo que não pode ser reduzido a expressão de todos de mesma origem.

Todas essas leituras são importantes por lançarem luz sobre a obra de um autor relevante e, no geral de seus escritos, pouco conhecido. Contudo, elas tendem a ser parciais, do ponto de vista da explicação de sua circunstância e obras, limitando a capacidade de

¹ II-DET-06.09.1889-PII.B.c. PEDRO II, Imperador do Brasil. Carta imperial concedendo o título de visconde de Taunay com honras de grandeza, ao senador Alfredo Maria Adriano d' Escraganolle Taunay, [visconde de Taunay]. Rio de Janeiro, 06/07/1889 (Acervo do Museu Imperial de Petrópolis).

entender as vicissitudes do contexto sócio-político nem esclarecem a relação entre a visão política que desenvolveu Taunay, seus projetos e sua vida literária.

Ao ignorar-se o contexto, no sentido mais amplo, perde-se o horizonte com o qual dialogava o autor, tornando a expressão artística mesma um ato de vontade, quase um capricho romântico, sem maior interação com os intelectuais e agentes políticos de seu tempo. Nesse sentido, é preciso ter em vista dois pontos fundamentais: o escritor habita um mundo historicamente determinado, e com Pocock, sabemos ser este mundo apreensível somente por meios disponíveis graças a uma série de linguagens historicamente constituídas (POCOCK, 2003, p.27), e que a linguagem que emprega tem como atributo tanto a continuidade quanto a inovação e à medida que são animadas pelos atores ganham configurações novas, imprevisíveis na medida que os textos sobrevivem aos contextos originais para qual foram criados.

Dessa forma, compreender o contexto permite entender a que questões do seu tempo Taunay intentou responder, como ele participa do ambiente histórico-cultural do pensamento político brasileiro de seu tempo e de que forma suas ideias (e realizações artísticas) se vinculam também à uma ideia de linhagem política ou tradição.

No caso do pensamento político brasileira, Guerreiro Ramos apontou para uma tradição que compreendeu que as ideias e os projetos políticos necessariamente deveriam ser interpretativa, mas também compromissada com a transformação do país, entendendo a realidade a partir de uma perspectiva prática, compreendendo as circunstâncias não como desvio da teoria, mas como as condições possíveis para as propostas de transformações. Por isso, Guerreiro Ramos vê em Visconde do Uruguai e seu caráter prático a primeira tentativa de superar a mimese (a heteronomia na linguagem guerreiramosiana) como paradigma para o avanço socioeconômico a partir da condição periférica (RAMOS, 1960, p.96). O Visconde do Uruguai seria um dos pilares da centralização política, e da fundamentação ideológica do partido conservador quando do reinado de Dom Pedro II.

Considerando o contexto e sua carreira política, pode-se ver o Visconde de Taunay como inscrito dentro do saquaremismo. A carreira política de Visconde de Taunay foi dentro das fileiras do partido Saquarema, que se opunha aos Luzias. Ambos eram os partidos que nortearam a vida política do Segundo Reinado, enquanto "Saquarema" era a denominação dada aos conservadores do Império, "Luzia" é o apelido dedicado aos liberais da época. A origem desses nomes se deve ao fato de que Saquarema era o nome do município do Rio onde o Visconde de Itaboraí (um dos líderes conservadores) possuía uma fazenda que servia de encontro para os partidários, e Luzia era uma referência a Santa Luzia, em Minas Gerais, onde ocorrera a maior derrota dos liberais nas revoltas de 1842 (LYNCH, 2011, p.22).

Do ponto de vista político, o uso dessa terminologia política, no caso do termo Saquarema – que nos interessa mais de perto – ela pode ser compreendida em três sentidos, e momentos históricos-políticos distintos: No primeiro momento, na reorganização das instituições políticas e na centralidade da monarquia, discurso herdeiro do projeto dos coimbrões, indivíduos da burocracia estatal, transpostos a América com a Vinda da Corte portuguesa, que haviam estudado em Portugal e tinham inclinação pelo projeto político do despotismo esclarecido e viam na monarquia o fator capaz de manter a unidade diante do caráter dispersivo da formação do país (grandes extensões, dispersão populacional e predominância da escravidão, etc.).

A primeira geração saquarema coincide com a ascensão de D. Pedro II ao trono, com a antecipação da Maioridade. Sob as circunstanciais acusações de absolutismo, o saquaremismo dessa primeira geração acabou tentando combinar o parlamentarismo com a autonomia do exercício do Poder Moderador pelo Imperador (LYNCH, 2007, pp.207-210). Cabendo a este conduzir com probidade e de maneira equidistante aos partidos a *res publica*. Pode-se dizer que o período áureo do saquaremismo, se deu entre 1850 e 1870, ainda que o debate sobre os limites do Poder Moderador, a necessidade de reformas políticas e sociais em meio a censuras e elogios a ação do Imperador marcassem o período.

Entre 1870 e 1889, a necessidade de modernização política e social é percebida ao mesmo par que a iminência da abolição completa da escravidão catalisava a busca por soluções político-sociais aos problemas que se seguiam, a existência das grandes propriedades e a falta de trabalhadores rurais e a insatisfação dos grupos oligárquicos com a propulsão dos saquaremas com as mudanças.

No plano internacional, o nacionalismo e especialmente a emergência do imperialismo é o ponto fundamental que tem passado despercebido pelas análises de crítica literária quanto aos textos de Taunay.

A circulação de novelas, textos de viagens, relatos, reportagens e livros de memórias moldou muito do que estava na moda a partir de 1850, moldando uma estética que foi absorvida pelas elites letradas do ambiente periférico do século XIX e serviu para moldar tanto as imagens típicas dos países nascentes, quanto caracterizar as relações com o outro próximo, em geral, povos indígenas e escravos. Assim, a literatura de viagens aponta para os contornos com que as relações entre europeus e não europeus estavam estabelecidas ou, ao menos, imaginadas. Se por um lado, a relação desigual entre brancos europeus e povos indígenas e africanos abre espaço para um vocabulário que sobreviveria ao século XIX, como o provam os termos “bárbaro”, “civilização”, projeto “civilizacional”; por outro, ela também impôs o conhecimento – seja etnográfico, geográfico – de realidades antes insuspeitas para os europeus.

Assim, os relatos de guerra e viagens permitiram que surgissem textos como os de Richard Francis Burton (BURTON, 1860) ou os relatos de campanha da tomada da Argélia pelos franceses, como o escrevera o marechal Clauzel (CLAUZEL, 1837). Esse ambiente moldou as experiências estéticas europeias e conseqüentemente a recepção periférica desse conteúdo.

Assim, compreender o pensamento do Taunay exige o esforço não só em isolá-lo tematicamente em esta ou aquela obra, mas de entender os diferentes elos de interação com qual ela se construiu, a tradição saquarema a que se filia e como compreendeu o esforço de modernização possível em uma sociedade por se constituir, de caráter eminentemente agrário, as transformações com que o mundo passava e a formação estética de Taunay. O esforço pois não é o de eleger um elemento preponderante, mas de *compreender a interação* de todos esses elos.

Explorando esses eixos pode-se então seguir de perto a proposta de Rosanvallon uma abordagem capaz de dar conta desses diferentes entrecruzamentos de textos tem como desafio a capacidade de estabelecer a coerência entre obras tão diversas escritas por Taunay. Por outro lado, para tomar de empréstimo a expressão de Rosanvallon que cunhou a “l’oeuvre-Guizot”, é preciso restituir a opera-Taunay (ou obra-Taunay), é necessário conjugar diferentes escritos e compreender sua coerência interna. Assim, os principais objetivos deste artigo são:

- Demonstrar que apesar de ser um autor multifacetado, o Visconde de Taunay possuía uma visão clara política e que a leitura compartimentada de seus textos pela crítica dificulta a percepção disso.

- A visão política de Alfredo de Taunay se delineia nos anos iniciais de sua vida adulta e estão presentes em seus textos ficcionais e relatos de guerra que produziu entre a década de 1860-1870.

Para tanto, foram consultadas as principais obras concernentes a esse período de formação que, grosso modo, vai de 1865 a 1875, à exceção do livro de memórias que o Visconde de Taunay escrevia nos últimos anos de vida, já na década de 1890, cuja integralidade só se conheceria na década de 1940, como desejo do autor.²

Para efeito de maior clareza de investigação, propomos que a vida de Taunay seja compreendida em três períodos diversos: o período de formação 1865-1875, no qual sobressaem suas primeiras experiências literárias e sua vida militar; 1875-1889, o período marcado pela sua atuação política tanto na Câmara de Deputados quanto no Senado e por fim, de 1889 a 1899; período da instauração do regime republicano em 1889. Monarquista convicto, Taunay tomaria seu refúgio na escrita, quando sua atuação passa a ser ideológica,

² Todas obras utilizadas estão arroladas na seção fontes da bibliografia.

sobretudo através da publicação regular na imprensa, travando fora do ambiente da política partidária, a continuação da atuação pública. Até sua morte ele continuaria essa luta política através da literatura, através de romances, crônica e memórias.

Na primeira fase, sob o pseudônimo de Sylvio Dinarte, Taunay começa a ter espaço público no Segundo Reinado com os romances e as narrativas de guerra.³ Para melhor investigar o autor, três eixos são propostos: **internacional** – objetivando esclarecer como Taunay entende as relações internacionais, e sua participação no teatro de guerra; **política** – como começam a se definir suas inclinações políticas e seu posicionamento e **a estética** – que relações podem ser relacionadas entre seu projeto político e sua realização artística de então.

A leitura do internacional

Ao lado das citações de La Fontaine ou Rousseau, ou das epígrafes de autores como Lamartine, Victor Hugo, Stendhal ou Walter Scott, é possível constatar que a cultura do Imperialismo alimentou a formação do jovem Taunay, no livro *A mocidade de Trajano* há claras indicações dessas leituras. Este romance de estreia de Taunay fora publicado em 1871, nele há o núcleo principal que gira em torno de Trajano, um personagem tipicamente romântico, que a perda da mãe lhe cria o desejo de evasão e exílio.

Trajano aos poucos aproxima-se da jovem Amelia através da escrava dela, Bertha, um tanto quanto maquiavélica, que pretende manipular a correspondência entre os jovens enamorados. Amelia é filha de um adversário político do pai de Trajano, Sr. Sobral. Temendo uma relação desigual entre Trajano e Bertha, o pai dele decide enviá-lo à Europa. Trajano percorreria por dois anos Europa e Ásia. Para o velho continente as palavras admirativas são predominantes, Trajano fala de sua contemplação das “lagunas de Veneza”, a “melancólica Athenas”, a “grandeza severa de Berlim”, as “agigantadas cathedraes” de Colônia, a “alacridade inexcedível” de Paris, e a “seriedade de Londres, a actividade vertiginosa de Manchéster e Liverpool, o pittoresco aspecto da Escossia, com seus lagos, suas montanhas, seus plaids e highlanders...”, contudo a percepção para além desse mundo cêntrico, apesar da apreciação da beleza dos lugares, o sentido é muito distinta:

“Hoje já fui à casa de um armeiro e comprei um dos elementos indispensáveis para tão romântica viagem: um, par de excellentes pistolas e um punhal de mola. Com isso procurarei mostrar aos povos da Ásia, que muito vale um brasileiro... Voltei pois para Smyrna, a pátria das inspirações

³ Ainda que Sacramento Blake tenha lhe atribuído a escrita na imprensa de 1871 a 1874 sob os pseudônimos de Cormontaigne, André Vidal, Mucio Scevola entre outros, sobre a questão escrava (o elemento servil), não foi possível retrair esses textos ou mesmo os pseudônimos. O mais próximo disso é o livro *O Elemento servil* escrito por Theodoro Parker, na verdade, pseudônimo de Luiz Barbosa da Silva.

de Decamps, e querendo mostrar um typo brasileiro— não sei se o sou—a povos que com ele nunca haviam sonhado, sulquei o mar Negro e desembarcando em Trebizonda, fui à Circassia e Geórgia, d'onde volto com uma illusão de menos. Nas gargantas do Caucaso Armeniano a guerra não cessa um só dia: são os russos e os turcos que contendem a posse daquellas agruras; os russos disciplinados, bem vestidos, bem armados; os turcos, maltrapilhos, verdadeiros bandidos, mas que batemse como leões e só cedem o terreno passo a passo.

*« Fallei-lhe em illusão perdida. Na Geórgia achei que as physionomias sympathicas erão raras, as bellas rarissimas (1). Enchem-se em tradições theoricas! « Em compensação que robustez de compleição, que musculatura nos homens, que exuberância de vida nas mulheres! « Que colonos não serão elles ? **E falla-se na emigração chinesa ?! Querem decididamente o abastardamento da nossa população ?** [grifo nosso] (TAUNAY, 1871, p.20)*

O internacional nesse momento é um ambiente apreendido de leitura, das artes, de um ambiente envolto de orientalismo. A primazia do elemento europeu se desdobraria posteriormente na defesa da imigração europeia. À referência ao pintor Alexandre-Gabriel Decamps junta-se por exemplo a citação da correspondência de Sir John Chardin muito popular em fins do século XVIII ou os relatos dos primeiros viajantes à Argélia, como Moritz Wagner ou o relato de ocupação francesa, como a de próprio marechal Clauzel.

Em Visconde de Taunay, a percepção do internacional capturado a partir do as imagens difundidas no ocidente sobre o oriente imaginado cederia lugar à experiência da Guerra do Paraguai. No livro de memórias, publicado postumamente apenas em 1943, como sua vontade expressa, Taunay explica que se juntara a *Comissão de Engenheiros* e tornou-se o relator oficial da expedição, relatando o cotidiano da marcha rumo ao Paraguai, mas também as vicissitudes por vezes “trágicas” (TAUNAY, 2003, p. 135) da presença militar brasileira naquele país, em meio as dificuldades de abastecimento e comunicação. Tal ambiente se por um lado foi bem retratado em *A retirada de Laguna*. Por outro Taunay justifica a ação militar brasileira e da Aliança contra Solano López na medida em que respondia a uma agressão e buscava consolidar um processo de paz que garantisse a estabilização das fronteiras:

“impossível fora para o Brasil a cessação de seus esforços unidos aos de seus firmes aliados. O fim não era territorial como havia sido o da eliminação de ShamyI ou de Abd-el-Kader das gargantas do Caucaso ou do Atlas; mais longe se visava, pois em jogo estava para quatro povos a segurança de paz estavel e proveitosa. O governo do Brasil compenetrrou-se desses sentimentos, e a confirmiação de sua firmeza foi a nomeação que collocou á testa do exercito brasileiro o príncipe consorte da Princeza Imperial.” (TAUNAY, 1926, p. 12).

Escrevendo em 1869, ao referir-se a Chamil e a Abd-el-Kader que resistiam à força do expansionismo russo no Cáucaso e ao imperialismo francês na Argélia, respectivamente, em episódios no Cáucaso e no norte africano na década de 1820-1830 comprovam que a leitura do imperialismo formara Taunay. Ao mesmo tempo, esse discurso contra o ditador Lopez e

não contra o Paraguai justificam a insistência na derrota de Lopez tanto na perspectiva do Imperador quanto na condução das tropas por Conde d'Eu:

“Em geral, no Brasil, inclinava-se a opinião pública e até o gabinete Itaboraí, então no poder, pois subira em julho de 1868, no sentido da probabilidade de um ajuste de paz com o Paraguai, mais totalmente contrário pendia o Imperador, que julgava imprescindível dever continuar-se ativamente nas operações de guerra, até que Solano López se entregasse ou saísse do país por ele tiranizado. No exército brasileiro acampado em Assunção e suas cercanias reinava, entretanto, não pequeno cansaço; não poucos oficiais também julgavam chegada a ocasião de se encetarem negociações a bem da completa suspensão de hostilidades e do restabelecimento da paz. Identificado, ponderavam eles, o povo paraguaio tão completamente com o seu chefe, seria necessário dar cabo do último homem para alcançar a pessoa do ditador, o El Supremo. Tinham, de certo, razão; mas esse mesmo fanatismo bem indicava que, a não se atingir diretamente o fator de tamanhas desgraças e de tantos sacrifícios de vidas e dinheiro, tudo quanto fora feito de 1865 a 1868 tornar-se-ia de todo o ponto improdutivo, com o resfôlego que se pretendia dar ao presidente do Paraguai. Em futuro mais ou menos remoto ce serait à recommencer, tanto mais quanto as extraordinárias crueldades que já cometera Solano López e que se iam apurando” (TAUNAY, 2008, p. 24)

Para Taunay, o Brasil desenvolvia um conceito que não era de guerra total, um conceito novo que incluía mesmo à assistência aos feridos paraguaios, crianças, doentes e subnutridos. Era uma Guerra humanitária, o discurso da ação conjunta com os países aliados para libertar o Paraguai de um ditador não apresentasse grande novidade, a ideia de uma concepção de guerra. Nos termos da carta ao Monarca que serve de apresentação ao relato da retirada da coluna brasileira, Taunay assinala especialmente este ponto:

“Ao se render Uruguaiana, inaugurou Vossa Majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, considerando a efusão de sangue humano deplorável contingência, aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao solido estabelecimento da paz. (TAUNAY, s.d., p. 03).

É preciso pontuar que a criação da Cruz Vermelha em 1863 fora apenas um ano antes da Guerra do Paraguai. Assim um direito humanitário não estava formado, na verdade, os esforços de Jean-Henry Dunant na criação daquela organização internacional levaria também à criação em 1864 da Convenção de Genebra que apontava para o tratamento dispensado a prisioneiros e não simplesmente o assassinio deles ou tortura, como assistira Dunant quando da batalha de Sulferino, na Itália (MACALISTER-SMITH, 1985, pp. 8-10).

Para Taunay ainda que sublinhe um ponto de vista humanitário, e acompanhe com muita proximidade o Conde d'Eu, e por extensão, as marchas do exército brasileiro e dos aliados, o autor sugere uma ascendência brasileira entre os aliados. Taunay ao registrar os encontros entre os líderes das tropas uruguaias, argentinas e brasileira, sublinha essa visão. É o que se observa nos encontros entre Mitre e Conde d'Eu para sanar dúvidas quanto a

despojos dos inimigos (TAUNAY, s.d., p.18) ou sobre o estabelecimento de uma polícia civil em Assunção (p. 22) dentre problemas menores como justiça militar ou problemas circunstanciais entre as tropas. (TAUNAY, s.d., p. 18 e 22).

O problema maior que sugere Taunay do exército em si é o abastecimento. Como abastecer as tropas e garantir o deslocamento das forças é algo constante das discussões, mas do ponto de vista estritamente das relações entre os países, há um empecilho que surge que é o papel do representante norte-americano MacMahon que não só procura manter contato com os cidadãos norte-americanos mas claramente posicionara contra a ascendência brasileira em território paraguaio, MacMahon pretendia intermediar ao menos uma ocasião a troca de correspondência entre Conde d'Eu e López, mas pôs dificuldades, especialmente em julho de 1869 o que culminaria na sua retirada em um vapor, mesmo ignorando que deve-se se apresentar às autoridades que autorizariam a sua saída visto que havia um bloqueio de trânsito de navios imposto pela administração brasileira. Provavelmente, a antipatia que culminava no não pagamento da morada onde vivera até então:

“diversas tropelias indignas de seu character official, não só se negando a pagamento da morada em que se acha por pretender ser ella propriedade do paraguayo Jára que o acompanha, como consentindo que esse homem ande publicamente fallando a favor de Lopez no sentido de alliciar gente. Os paraguayos têm sido os proprios denunciantes destes factos...” (TAUNAY, 1926, p. 133).

MacMahon escreveria sua própria versão da Guerra no Paraguai, sublinhando os aspectos criminosos das tropas da Tríplice Aliança, e em especial dos soldados brasileiros, e os “desígnios de expansão de D. Pedro” (MCMAHON, 2014. p.34). Sua presença indicava a atenção dispensada pelo governo norte-americano sobre a região. Ao partir do Paraguai, MacMahon escreveria na imprensa suas impressões, o que mostra o interesse local pelos acontecimentos internacionais na América do Sul (MCMAHON, 1870).

Taunay em seu romance *A mocidade de Trajano* pontua como a Guerra em si entrou no ambiente das conversas dos fazendeiros. No ambiente pequeno da elite provinciana e rural, todos cabem no ambiente de uma sala, onde estão dispostos os liberais e conservadores, onde os assuntos nacionais entram como pretexto para as divergências locais, Taunay prefere a descrição de uma possível cena entre os dois grupos não sem verve:

“Os grupos haviam-se formado segundo as sympathias, e por entre elles passeava Trajano cumprimentando a uns, e fallando com outros. Alguns molecotes trazião copos de água e bandejas com cerveja, ainda que fosse bebida não bem introduzida e aceita no interior. Outras com sequilhos, biscoutos seccos ou cálices de doces, que em toda a província de S. Paulo fazem-se com muita perfeição e variedade, appareção amiudadamente, e esvasiavão-sc com rapidez.

Quando Trajano approximou-se de Mocambira, este gritou para Sobral:

— *Commendador, o seu filho já é um homem! E' preciso pô-lo na guarda nacional; sou ajudante do corpo e quero bonitas praças e oíficiaes briosos.*

— *Não tem a idade da lei, ponderou -Sobral.*

— *Ora, que importa?! E' bom qualificá-o cedo para arranjar-lhe os galões de official. Diga-me, parece que breve teremos guerra com o Lopez?*

O Sr. Patrício Lopes, que ouviu a pergunta feita por um liberal, suppôz que fosse um ataque á sua pessoa e por isso respondeu com acrimonia e força: — Em guerra ando eu sempre com os senhores, e hei de sempre andar. A reunião começa já mal. Se me insultão, não tenho mão em mim... é boa!

Houve uma gargalhada geral, na qual muitos entrarão sem saber porque. Patrício Lopes ficou roxo de raiva, e se logo não lhe tivessem explicado por miúdo o motivo da hilàridade, teria se retirado irreconciliavel com todos os presentes. (TAUNAY,1871, p.68-69).

A possível Guerra entre Brasil e Paraguai estava na ordem do dia, ainda que o sentido das disputas eleitorais locais concentrasse a atenção real dos personagens. Em grande medida, Trajano é um retrato de Taunay, seja tanto nos aspectos da beleza física que o próprio Taunay sublinha quanto a si nas memórias, *topos* recorrente em diferentes personagens masculinos jovens e protagonistas; quanto também das intenções de Taunay, visto que o escritor também serviria na Guerra como oficial, e partiria igualmente por dois anos pela Europa posteriormente.

A leitura da vida política

No primeiro romance de Taunay, fica claro que o jovem escritor considera que o lugar social de um personagem acaba delimitando o espectro da participação política disponível a si, e dentro de uma sociedade que não era de massas, Taunay fez um afresco dos da vida social, no qual os personagens são menos relevantes pelos seus conflitos interiores, e mais importantes pela capacidade de ilustrar como as pessoas se comportavam diante dos dilemas políticos e sociais de seu tempo, tendo como pano de fundo a agenda de modernização. Não é sem razão que a escravidão é posta no centro do romance. Inicialmente esse olhar sociológico de Taunay é voltada para como se faria a passagem do “trabalho servil” ao livre e os diferentes posicionamentos dos personagens, e como essa relação social acaba por *moldar* as tensões e caráter dos personagens.

Primeiro, ela é investigada pelas diferentes possibilidades *dentro* da escravidão. Enquanto a escrava Bertha alimenta a intriga ao modo de um lago shakespeariano feminino, o ex-escravo Vicente parece encarnar a figura do guardião da memória e encantos, ambos muito aquém do algum reconhecimento igualitário, é significativa a repreensão de Trajano a Bertha quando ela parece querer chantageá-lo:

“Berta, disse com cólera após longo silencio, não esqueças nunca que és escrava. Tens abusado da confiança que em ti deposita tua senhora. e queres brincar commigo. Cuidado. Eu mesmo não duvidarei quebrar este

junco nas tuas costas. O filho de fazendeiro mostrava a sua origem.”
(TAUNAY, 1871, p. 124) [grifo nosso]

Taunay parece oscilar entre os traços mais brandos, quase simpáticos, aos momentos taxativos e duros quando descreve os personagens negros. Momentos de maior simpatia aparecem quando descreve o ex-escravo Vicente ou a escrava doméstica Suzana, casada com um capataz que reproduz quotidianamente o ciclo de punições e violência, ao ponto que acaba envenenado pelos escravos. Enquanto Bertha encarna a personificação do mal, os traços felinos, a vontade de ser branca. Ainda que favorável à abolição, Taunay participava dessa cultura ocidental imperialista que mensurava em degraus distintos de contribuição os diferentes grupamentos humanos tipificados pela cor. Ainda que Trajano seja o modelo de sociedade europeia de direitos individuais e obviamente contrário à perpetuação da escravidão, seu pai, o Sr. Sobral tem consciência de que a escravidão “afeia o sistema social do Brasil” (p. 07) além de provocar “cenas dolorosas e desmoralizadoras” (p. 127-128). O receio do Sr. Sobral quanto ao fato de Trajano estar envolvido com uma escrava revelava não só o medo de “netos mulatos”, mas principalmente a construção do que Guerreiro Ramos chama de “ideal de brancura” que ainda permeava a cultura brasileira em meados de 1950 (RAMOS, 1995, p. 235).

No sentido estritamente político, a abolição era inevitável desde que a Inglaterra “impusera” a questão com a proibição do tráfico negreiro (TAUNAY, 1871, p. 13). No romance, liberais e conservadores de província se põem a mesma questão, enquanto conservadores inclinam-se a forçar a mudança, liberais limitam o âmbito da liberdade às elites provinciais:

“O commendador italiano, depois de tomar uma pitada, começou com tom ameno :

— O partido liberal, meus senhores, não convidou ninguém para conchavos. (Susurro no lado direito.) Os homens que compõem esse partido têm bastante consciência para se conservar na altura de cidadãos independentes e, como guardas da liberdade, nós João Brêtas sorrio-se amargamente e em aparte:

— Então somos nós os tyrannos? Mocambira deu um sio estrondoso.

— Brasileiros de alguma importância...

Silveiras tossio como se engasgasse. Mordelli ficou côr de lacre, porém continuou :

brasileiros amantes extremosos da pátria, queremos a liberdade, liberdade para todos.

— Forrem os seus escravos, interrompeu um conservador sisudo que se conservara até então calado.

Fidelis respondeu prompta e colericamente:

— Queremos a liberdade, mas não prejudicial:

nada de prejuízos, voto contra.

Mordelli proseguio:

. . . essa liberdade que nasceu com Christo...

— Deve ser bem idosa, observou José Francisco rindo-se.

. . . essa liberdade que resistio ao canhão, á metralha, fez recuar bayonetas, desaparecer legiões.

— *Desculpe o nobre correligionário, interrompeu por seu turno Mocambira, mas acho bom que não toque em questões militares. Está avançando idéas impossíveis.* (TAUNAY, 1871, pp.73-74)

Ainda que não participasse da vida política de então, Taunay claramente declara-se Saquarema, ainda que criticasse o Estado imperial não tomasse medidas mais robustas para a substituição do trabalho servil pelo trabalho de imigrantes europeus (TAUNAY, 1871, p. 12). Nesse romance, são prefiguradas duas das grandes bandeiras que viriam a ser defendidas por Alfredo Taunay na sua vida parlamentar: a entrada de europeus como substituição do trabalho escravo e a necessidade de naturalização deste novo contingente populacional.

No retrato que faz dos Saquaremas e Liberais, Taunay mostra como se articulavam questões locais e as nacionais, decantado nas províncias, nas picuinhas municipais:

*“é o animalejo do Silveiras que professa como conservador, porque supõe que o partido trabalha para a reintegração dos portugueses ou pelo menos pelo restabelecimento de antigas usanças, nobrezas, etc. **Os outros conservadores não crêem nisso**, riem-se do Silveiras, mas têm lá idéas no mesmo nível. Entretanto se ha entes que se pareçam com elles na tacanhice de vistas, na violência de reacções, **no pouco senso e nas frioleiras, são os liberaes**. Sobral desenvolvia a seu modo o pensamento do visconde de Albuquerque. — Todos elles vêem, continuou com volubilidade, na ascensão de seus partidos, não os benefícios que ao paiz traga a pratica das idéas. que julgão sustentar, **mas só e simplesmente postos** da guarda nacional, tabellionatos ou então condecorações e outras babuseiras, quando não sejam as occasiões de abusar e de vingar-se de seus desaffectedos. **Na corte talvez haja sinceridade de opiniões e sobretudo seriedade; aqui não**, mesmo porque o tempo é pouco para cuidar em política, absorvidos, como vivemos, pelos escravos, pelo café, canna de assucar, milho, feijão e abóboras. As antipathias particulares regulão commummente na adopção deste ou daquelle credo.”* (TAUNAY, 1871, p.60).
[grifos nossos]

Os tipos políticos, o que defende os conservadores e só vê conluios nos liberais, o pai de Trajano, Sr. Sobral assinala o ponto de vista conservador que tem, e explica:

*“Patrício Lopes que abomina os liberaes porque acredita que elles conspirão contra a monarchia. E' um bom homem c entretanto capaz de mandar matar um liberal, julgando assentar melhor o throno no Brasil e trabalhar para sua tranquillidade., Ninguém o tira dahi. **Todo e qualquer liberal é inimigo particular seu e de D. Pedro II.** Não ha meio termo. Nos mais simples actos elle enxerga tramas, conluios; não lê senão os jornaes conservadores e toma ao serio, muito ao serio, as increpações que se levantão contra os liberaes, os baldões que lhes são atirados, baldões que os jornaes do outro lado reproduzem, repetem em identidade de circumstancias. Para contrabalançar a influencia rancorosa desse nosso eleitor, ao lado fica-lhe o Sr. Amaral Pereira, official da imperial ordem da Rosa e a quem todos chamão commendador para lisongear-lhe a vaidade. É outro typo. todos os partidos derrubados são mãos; todos os que sobem, excellentes: a opposição é sempre acintosa, malévola ; o governo é tudo, a ordem, a moralidade, o patriotismo. Fora do governo ninguém presta. Liberaes e conservadores regenerão-se de todos os crimes ao galgarem o poder: desmandão-se, desacreditão-se apenas cahem. **O conservador que faz opposição é tão culpado, quanto o liberal que protesta. Elle quer o equilibrio constitucional, com tanto que o executivo esteja acima de todos os***

poderes e possa dirigi-los. Faz uma mistura tremenda das regalias constitucionaes. As maiorias escandalosas na câmara merecem-lhe elogios. Chama a isso habilidade em governar. As votações em massa arrancão-lhe applausos sinceros. Os opositoristas só ganhão o seu desprezo e elle quizêra, em todos os seus actos de adhesão ao partido de cima, manifestar aquellês sentimentos bem ás claras. **E' um homem serviçal e com quem se pôde contar nas mudanças de política.** — Emtim, concluiu Sobral, breve verás esses typos e has de te rir da importância que cada um delles se attribue. **Devo dizer-te que sou, isto é, que passo por ser conservador. Pensando um pouco, inclinei-me para aquelle lado, porque enxergo vantagens serias para o Brasil na prudência de suas medidas, na madureza e sensatez de seus planos, nas idéas de progresso reflectido por que lutão — não aqui, isto nunca—mas nos círculos onde trabalham as intelligeneias e debatem-se os interesses de nossa pátria.**” (TAUNAY, 1871, p.61-62) [grifos nossos]

E mais adiante, ainda sobre conservadores e liberais:

*“Vejo mais methodo no governo, mais firmeza, mais seriedade: talvez restricção demasiada em despezas, política que parece acanhada, mas que é cautela oriunda do medo de errar. Não direi a banalidade que os conservadores formão o partido de gravata lavada: fora uma necessidade; mas quasi sempre elles se mostrão de casaca ou sobrecasaca, ao passo que muitos liberaes — não todos, felizmente—vestem, quando lhes convém, a jaqueta e até se apresentam em publico' era mangas de camisa, **guardando sempre no intimo o seu fermento aristocrático.**”* (TAUNAY, 1871, p.62) [grifo nosso]

Taunay pela fala de Sobral, elogia a prudência, essa virtude política fundamental que acomoda a transformação às circunstâncias e ao possível: “*Sê político **prudente**, sincero, firme sobretudo na primeira resolução que tomares*” (p. 62). Taunay reconhecia no Saquaremismo o esforço de “progresso refletido”, medido, estabelecido e ordeiro, no sentido de que as transformações necessárias deveriam ser efetuadas, mas o equilíbrio mantido pelo Imperador não poderia ser derribado de maneira a atender interesses particulares provinciais.

Quando da Guerra do Paraguai, Conde d'Eu estranhou a adesão de Taunay às fileiras do partido conservador, visto que considerou natural, Taunay ainda bem jovem, que fizesse a adesão a um partido liberal; a crítica do Conde d'Eu causou um estranhamento entre Taunay e o príncipe que se manteve distante na guerra e posteriormente (TAUNAY, 2005, p. 423 e 435). O futuro Visconde estranhou a censura do príncipe consorte visto que saía de seu papel régio, “acima” das disputas. Esse choque entre ambos provavelmente motivou a guarda no IHGB dos manuscritos de memórias não publicados de Taunay até cinquenta anos de sua morte, e que seriam publicados somente caso se mostrasse conveniente aos herdeiros. Contudo, é possível entender que o choque entre Taunay e Conde d'Eu explicar-se-ia obviamente pela diferença que as palavras e classificações ganham entre centro e periferia (LYNCH, 2013). Enquanto em sociedade centrais, como a França de então, os conservadores defendem bandeiras mais estacionárias, e até mesmo um ideal de sociedade que precede à Revolução Francesa diante de um mundo em que se dava a constituição de um crescente

liberalismo e protagonismo das relações capitalistas, os liberais eram a um só tempo os arautos de uma constituição de uma sociedade baseada menos em privilégios hereditários e mais no predomínio da atividade, da técnica, da concorrência e do incremento da sociedade civil como contraponto ao poder do Estado. Do ponto de vista político se estabelecia um mundo de direitos constitucionais estabelecidos que tinham como pressão a crescente inserção de grupos mais amplos da sociedade à participação política.

No ambiente periférico, de economias mais retardatárias, de pouco incremento econômico e de forte estratificação social, a solução para a modernização era vista através do “reformismo ilustrado” (LYNCH, 2003), tradição herdeira da ilustração portuguesa que aponta para o governante, como o topo do Estado centralizado, o elemento capaz de conter a tendência centrífuga das forças políticas provinciais.

Sem que soubessem, a discordância entre Taunay e o príncipe repousava mais na roupagem do que no conteúdo. As palavras transferidas de seu contexto original ganhavam novo conteúdo na periferia. Assim, conservador aqui na América portuguesa se aproximava do liberal francês, visto que o espectro do conservadorismo francês não tinha possibilidade histórica no jovem país sul-americano, não havia equivalência visto que a nobreza no Brasil era recente, de títulos não hereditários e não havia correspondência necessariamente entre a posse da terra e titulação.

Dessa forma, o conservadorismo saquarema repousava mais na preocupação em dirigir o processo de modernização feita por cima, afastando o processo de mudanças das tentativas estacionárias, mas sem cair nos desvios revolucionários, e ao mesmo tempo; preservando a unidade nacional.

Não foi à toa que o romance, os relatos de Guerra chamaram a atenção do Visconde do Rio Branco, de quem se tornaria assessor imediato, o que lhe garantiria a entrada na vida pública brasileira.

A leitura estética

Se no primeiro romance Taunay descreve o ambiente de um jovem Trajano, liberal, contrário à escravidão, favorável à entrada dos imigrantes, conservador, disposto a lutar na Guerra do Paraguai, em *Inocência* há uma mudança importante: Taunay se concentra em escrever uma história romântica na qual personagens típicas do interior do Brasil são postas em primeiro plano. Ou seja, *Taunay inventa os Sertões* na medida em que retira dos elementos reais que conheceu as linhas gerais do modo de vida, do linguajar e paisagens que admirara quando indo para a Guerra, é assim que dos sertões de Mato Grosso nasce o ambiente para o romance *Inocência*, publicado em 1872.

Do ponto de vista estético, Taunay transferira o interesse pelo desconhecido, ou mesmo exótico como notara Edward Said na descrição do elemento não-europeu na literatura à época do Imperialismo (SAID, 1994, pp.31-43), para o sertão; para o modo de vida simples trazendo o tema do amor entre o casal, como na descrição da vida de Trajano no romance anterior em meio a diversos périplos e dificuldades do ambiente da fazenda e da elite rural, para aquele ambiente até então realmente pouco conhecido, através do interesse do médico que conhece e logo apaixona-se pela jovem filha do Sr. Pereira.

Nesse sentido, a descrição de cenas e personagens é uma opção realista e que faz avançar o conhecimento ainda que ficcional do ambiente rural de forma mais aprofundada que o idealismo de José de Alencar. O médico que conhece a jovem filha do Sr. Pereira mimetiza o conhecimento do jovem Taunay das realidades interioranas brasileiras.

Essa incorporação intelectual desses espaços apontava para a necessidade de maior integração nacional, o que poderia ser feito pela imigração, como sugerira Taunay em *Mocidade de Trajano* e que seria um dos principais temas de sua vida política parlamentar. Esse diagnóstico levaria o futuro Visconde de Taunay a empreender esforços em favor da imigração no sul do Brasil e também a participar ativamente da formação da Sociedade Central de Imigração.

O amor entre o jovem médico itinerante parece inspirar-se na breve relação pessoal entre Taunay e uma jovem indígena da nação guaná, chamada Antônia (TAUNAY, 2005, p. 14). Ainda que a informação seja relevante e tenha influenciado a confecção da obra, o intuito é sublinhar que Taunay pretendia escrever uma obra calcada em sua experiência particular, tal como fizera – ou fazia crer – Stendhal.

Nesse sentido, a crítica de Antônio Cândido à afirmação de Taunay, que se considerava ser como Stendhal, mas que não era um autor de mesma estatura (CÂNDIDO, 2000, p.276-277), acaba por se revelar mal posta: ambos escritores defendiam o primado de suas experiências vividas como o assunto *par excellence* de sua escrita.

Essa avaliação de Taunay era antes de tudo calcada nas avaliações e impressões que retirava do real, tal como os escritores e viajantes no desenvolvimento do interesse europeu pelos temas orientais, a partir de 1820; bem como na percepção clara das transformações que observava em seu tempo desde a Guerra e a necessidade de influir nos rumos dos acontecimentos políticos e principalmente nas formas de propor maior desenvolvimento a seu tempo.

Por tanto, já em 1872 começaria a vida política propriamente dita de Taunay sob influência do Visconde de Rio Branco (TAUNAY, 1884, p.17-19). Assim, por volta desse período, a partir de meados de 1870, Taunay passaria à vida política pelo partido conservador.

Mantendo coerência entre sua escrita literária, suas opiniões e a vida parlamentar, inaugurando uma nova etapa em sua vida pública.

Bibliografia:

a- Fontes:

- TAUNAY, Alfredo E. de (Visconde de) [sob pseud. Sylvio Dinarte] *Innocencia*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.
- _____. *Histórias Brasileiras*, Rio de Janeiro: Garnier, 1874.
- _____. “Reminiscências da campanha da Cordilheira (1869-1870)” In: *Recordações de guerra e de viagem*. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, pp.23-102.
- _____. *A Mocidade de Trajano*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871.
- _____. *Innocencia*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.
- TAUNAY, Alfredo E. de (Visconde de). *A retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa - A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, s.d.
- _____. *A Retirada da Laguna*. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.
- _____. [1869]. *Campanha das Cordilheiras – diário do exército*. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1926.
- _____. *Campanha do Paraguay – Comandante em chefe do Sr Marechal de Exército Conde d’Eu/ Diário do Exército*, Typographia Nacional, 1871.
- _____. *Cartas*, s.d.
- _____. *Em Mato Grosso invadido (1866-1867)*. São Paulo: Melhoramentos, 1929.
- _____. *La Retraite de Laguna – épisode de la guerre du Paraguay*. Paris: Librairie Plon, troisième édition, 1891.
- _____. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *Memórias*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- _____. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- _____. *O Visconde do Rio Branco – esboço biográfico*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1884.
- _____. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

b- Fortuna crítica e historiografia:

- BAREL, A. B. D. Alencar e Taunay: Dois Projetos de Formação da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/Alencar%20e%20Taunay%20Ana%20Beatriz%20Demarchi%20Barel.pdf>. Acesso em: 12 mai 2016.
- _____. Littérature, histoire et idéologie: La retraite de Laguna (1871) - Taunay et la formation du roman historique brésilien. In: Colloque international 'La formation du roman au Brésil', 2005, Paris. Actes du colloque international 'La formation du roman au Brésil'. Paris: PSN - Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2005. p. 1-8.
- BERALDO, P. A. *No declínio, de visconde de Taunay: o canto do cisne*. Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- BLAKE, A. V. A. S. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.
- BUNGART NETO, P. De Taunay a Nava: grandes memorialistas da literatura brasileira. Dourados: UFGD, 2011.
- BURTON, R. F. *The Lake Regions of Central Africa*, Longman, Green, Longman and Roberts: London, 1860.
- _____. The Lake Regions of Central Equatorial Africa, *Journal of the Royal Geographical Society*, Vol. XXIX, 1859.
- CÂNDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CARVALHO, M. A. R. *O Quinto Século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

- CASTRILLON-MENDES, O. M. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira, revista do ieb n 46 p. 217-240 fev 2008.
- CAVENAGHI, A. J. Uma guerra, dois mapas e duas fotografias: O sertão do noroeste paulista e a aventura do registro iconográfico ao final do século XIX. Proj. História, São Paulo, (32), p. 191-219, jun. 2006.
- CLAUZEL, B. *Explications du Marechal Cluzel*. Paris: Ambroise Dupont, 1837.
- CRUZ, E. N. Dimensões do espaço [manuscrito]: uma abordagem de *Inocência*, de Visconde de Taunay, Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2012.
- CUNHA, M. J. C.; CORREA, V. A. O lugar de fala de Taunay. Um estudo sobre o enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB), v. 4, p. 60, 2011.
- GREGÓRIO, P. H. A identidade franco-brasileira do Visconde de Taunay. São Paulo, Revista Opiniões, pp. 12-23, 2011.
- JUCÁ, J. *André Rebouças: Reforma e Utopia no contexto do Segundo Império*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001.
- LYNCH, C. E. C. Por Que Pensamento e Não Teoria? A Imaginação Político-Social Brasileira e o Fantasma da Condição Periférica (1880-1970) DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 4, 2013, pp. 727-767.
- _____. Saquaremas e Luzias – A sociologia do desgosto com o Brasil. Insight-Inteligência, Out. Nov. Dez., 2011.
- _____. O Momento Monarquiano - O Poder Moderador e o Pensamento Político Imperial. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. (Tese de Doutorado)
- _____. O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco. Lua Nova, São Paulo, 85: 277-311, 2012.
- MACALISTER-SMITH, P. *International Humanitarian Assistance-Disaster Relief Actions in International Law and Organization*, Martinus Nijhoff, 1985.
- MARETTI, M. L. L. *Um polígrafo contumaz* (o Visconde de Taunay e os fios da memória). Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- _____. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: UNESP, 2006.
- MCMAHON, M. T. “The War in Paraguay” en Harper’s New Monthly Magazine; Ed. XL – February, 1870.
- _____. Ensayos Sobre La Guerra de la Triple Alianza contra el Paraguay (Harper’s New Monthly Magazine, 1870), Traducción, Prólogo y Comentarios de Emilio Urdapilleta (Dominio Público – Fines de Divulgación Histórica), Asunción, 1 de junio de 2014.
- PEDRO II, Imperador do Brasil. Carta imperial concedendo o título de visconde de Taunay com honras de grandeza, ao senador Alfredo Maria Adriano d’ Escraganolle Taunay, [visconde de Taunay]. Rio de Janeiro, 06/07/1889 (Acervo do Museu Imperial de Petrópolis).
- POCOCK, J. G.A. Estado da Arte. In: *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: USP, 2003, pp.23-62.
- RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1995.
- _____. *O problema nacional do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1960.
- ROSANVALLON, P. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985.
- SAID, E. *Culture and Imperialism*. Nova York, Vintage Books Editions, 1994.
- SKINNER, Q. Meaning and Understanding in the History of Ideas. History and Theory, Vol. 8, No. 1 (1969), pp. 3-53.
- WAGNER, M. [1854]. *The Tricolor on the Atlas or, Algeria and the French Conquest*. Forgotten Books, 2013.
- WIMMER, N. “Marcas francesas na obra do Visconde de Taunay”. 1992. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- _____. Uma estréia no romance: A mocidade de Trajano. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, n. 15, p. 42-48, 2010.